

História e Psicologia – Interfaces Disciplinares no Domínio das Ciências Ambientais

Dra. Rosa Cristina Monteiro, UFRRJ.

Apresentação

Neste ensaio partimos da proposição de um *Contrato Natural*, tal como formulado por Michel Serres (1991); a partir daí passamos a realizar **um exercício de integração disciplinar**, realçando textos que se organizam em algum ponto de contato entre a história ambiental e a psicologia da percepção e do pensamento. Não há uma forte unidade entre as sucessivas partes do trabalho, posto que elas têm fundamentos ontológicos, metodológicos e teóricos diferentes.

O trabalho de Frederick Turner (1990) _ *O Espírito Ocidental contra a Natureza-Mito, História e as Terras Selvagens* _ estrutura a primeira parte do trabalho, onde se expõem certos **modos de sentir** ligados às estruturas míticas da mente.

A pesquisa realizada por A. R. Luria envolvendo camponeses iletrados, na segunda parte, nos conduz a um redimensionamento das conclusões que emergem dos estudos experimentais sobre os processos cognitivos, com uma reavaliação dos diferentes **modos de pensar**, distinguindo formas lógicas, infra-lógicas e supra-lógicas.

Na terceira parte, a “dromoscopia” de Paul Virilio (1984) introduz uma discussão sobre os **modos de ver** e suas implicações na política ambiental, valorizando o curso histórico que nos fez chegar ao *Horizonte Negativo* com o qual estamos confrontados.

Entendemos que destes estudos emergem conceitos e imagens que nos permitem ampliar nossa compreensão do estatuto da relação homem/natureza, desde várias perspectivas.

O texto é propositadamente polifônico (Bahktin)¹.

¹ “[Bahktin] reconheceu o sujeito enquanto voz e texto. Em seu método não há lugar para a “explicação”, que considerou monológica. O importante para ele é a compreensão, que implica na presença de duas consciências, no encontro de dois sujeitos imersos no diálogo”. “Como um crítico do formalismo russo, opôs à sua monotonia monológica uma visão de mundo pluralista, polissêmica e polifônica.”(Freitas, 1995)

Natureza Naturante

O sentido inicial de nosso estudo está bem refletido na formulação de Michel Serres, em seu Contrato Natural (1991):

“Volta à natureza! Isto significa: ao contrato exclusivamente social juntar o estabelecimento de um contrato natural de simbiose e de reciprocidade onde a **nossa relação com as coisas deixaria domínio e posse pela escuta admirativa, pela reciprocidade, pela contemplação e pelo respeito, onde o conhecimento não mais suporia a propriedade nem a ação a dominação**², nem estas os seus resultados ou condições estercorárias. Contrato de armistício na guerra objetiva, contrato de simbiose: o simbiota admite o direito do hospedeiro, enquanto o parasita – nosso estatuto atual – condena à morte aquele que pilha e que habita, sem tomar consciência de que no final condena-se a desaparecer.”(p.51)

Realçamos nesta passagem a referência a outros modos de apreensão do ambiente e portanto a outras disposições do aparelho percepto-cognitivo³ humano. Sentir e sentir-se,

² Fazemos este grifo para introduzir nosso problema.

³ Entre a realidade e a língua, interpõem-se processos de semiose que dão origem ao “referente”. O mundo significado, ou o significado do mundo supõe portanto o exercício da percepção e da cognição. Na concepção

pensar e pensar-se, ver e ver-se são experiências que podem e devem ser alteradas se queremos nos dirigir a uma outra dimensão da relação homem-natureza.

Assim como o estudo da história das transformações por que passou o ambiente inteiro nos esclarece sobre os modos atuais de produção, suas virtudes e suas vicissitudes, também o estudo histórico das disposições afetivas e cognitivas que acompanham cada modo de produção acrescenta em compreensão de si, do outro, da sociedade, da coletividade. A referência está presente em autores destacados que definem e sistematizam as posições correntes em história ambiental. Assim, por exemplo, podemos encontrar a seguinte observação em Donald Worster (1990):

“... Finally, forming a third level for the environmental historian is that more intangible, purely mental type of encounter in which perceptions, ideologies, ethics, laws and myths have become part of an individual’s or group’s dialogue with nature. People are continually constructing cognitive maps of the world around them, defining what a resource is, determining which sorts of behavior may be environmentally degrading and ought to be prohibited, and generally choosing the ends to which nature is put. Such patterns of human perception, ideology, and value have often been highly consequential, moving with all the power of great sheets of glacial ice, grinding and pushing, reorganizing and recreating the surface of the planet.”(p.1091).

Mais adiante neste texto o autor, já nas análises específicas que faz de certas transformações ambientais, apresenta a mesma questão:

“...What may have appeared scattered and happenstance in the premodern agricultural landscape always had a structure behind it – a structure that was at once the product of nonhuman factors and of human intelligence, working toward a mutual accommodation...” (p.1097).

Podemos seguir buscando várias referências para justificar a ênfase que queremos colocar nos processos afetivos, perceptivos e cognitivos quando se reflete a questão

que adotamos não faz sentido descartar a percepção e consideramos tão relevante a semiose verbal quanto a não-verbal. Além disso faz parte de nosso esquema teórico, como se terá a oportunidade de ver ao longo deste trabalho, a influência decisiva da práxis sobre os procesos de semiotização. . Uma leitura de Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade, de Isidoro Blikstein (1990) introduz perfeitamente esta temática na perspectiva teórica com a qual trabalhamos.

ambiental. Numa linha de argumentação que passa sobretudo pela economia, Stahel (1995) afirma ao quase concluir seu texto:

“É essa mercantilização crescente da sociedade moderna, às custas dos equilíbrios naturais, **das relações sociais e da autonomia individual**⁴, que tem de ser revista, antes de tudo, se quisermos pensar em uma sociedade sustentável e, mais do que isso, se nossa preocupação não se limita a uma simples questão de sobrevivência física, mas sim a uma busca constante de qualidade de vida”. (p.124)

Neste universo literário que envolve a expansão do domínio das chamadas ciências ambientais, uma das mais complexas argumentações que traz para o foco o valor das variáveis psicológicas na composição do *sociedade* é apresentada por Murray Gell-Mann.(1996):

“Imagine, contudo, o conhecimento das propriedades das plantas nas mentes de certos feiticeiros tribais. Muitos destes feiticeiros estão agora morrendo sem serem substituídos. O grande etnobotânico de Harvard, Richard Schultes, que passou muitos anos estudando plantas medicinais na bacia amazônica, diz que, toda vez que um feiticeiro morre, é como se uma biblioteca tivesse sido queimada...” (p.349).

⁴ Mais uma vez introduzimos um grifo próprio para destacar no texto o objeto específico de nossas reflexões.

Modos de Sentir e Pensar

Quando escolhi a selva,
Para aprender a ser,
Folha por folha,
Estendí as minhas lições
E aprendí a ser raiz,
Barro profundo
Terra calada,
Noite cristalina,
E pouco a pouco mais,
Toda a selva.

Pablo Neruda

Memorial da América Latina

O pensador Carl Gustav Jung estabeleceu sua dissidência em relação à ortodoxia psicanalítica freudiana quando sustentou a existência de um inconsciente coletivo, formado por arquétipos vitais fundamentais que regem as manifestações da energia psíquica no plano da realidade. Esta instância do psiquismo é comum a toda a humanidade e os produtos culturais de cada época e lugar revelam o grau de harmonia entre a experiência subjetiva e a realidade objetiva: enquanto alguns arquétipos encontram possibilidade de manifestação outros permanecem “sombrios”.

Com esta formulação Jung valorizou os mitos e ritos de outras culturas e desferiu um rude golpe no orgulho do homem do século XX, mostrando que todo seu suposto avanço cultural pouca coisa seria, se estava ocorrendo em detrimento da vida espiritual. A

psicanálise junguiana resultou assim numa forte valorização de outros modos de sentir, próprios dos povos até então considerados “primitivos”.

Joseph Campbell (1990), um junguiano da maior expressão, afinado com a pauta ecológica, recupera muitos aspectos das mitologias e propõe que elas sejam dotadas agora de uma função pedagógica que permita ao homem restabelecer sua relação com a Terra:

“O que sabemos é isto: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Todas as coisas estão ligadas, assim como o sangue nos une a todos. O homem não teceu a rede da vida, é apenas um dos fios dela. O que quer que ele faça à rede, fará a si mesmo.”(p.34)

Indicando as vicissitudes da vida moderna, o autor destaca esta separação homem/natureza como um dos acontecimentos dramáticos que desviou a possibilidade de experimentar verdadeiramente a vida.

Fundamentado nestes pressupostos, Frederick Turner (1990) realizou uma rara obra de história ambiental, percorrendo o curso da civilização moderna desde suas mais remotas raízes (seu plano arquetípico), mostrando que a separação dos mitos se fez com violência, sendo correlativa a esta forte degradação ambiental que assistimos e promovemos.

A experiência que Turner mais diretamente reflete em seu livro é a da invenção da América. Sentindo-se arrebatado por um sentimento de estranheza frente ao próprio território que habita, o autor partiu para uma investigação de fôlego, que se inicia com a exaltação dos mitos da cultura absolutamente dominada na América, do homem chamado “primitivo”, e denuncia sua completa e obstinada destruição:

“ Tudo isso nos obriga a reavaliar a sempre mencionada atividade simbólica dos chamados povos primitivos das terras selvagens. Bastam a inferência e as provas dos nossos próprios documentos para confirmar que esses povos primitivos, com todos os rituais e as expressões ‘guturais’, têm sido excelentes estudiosos de seus mundos, e portanto, da realidade. Brancos do Ocidente, quando invadiram as realidades estranhas das terras selvagens, notaram com espanto o artesanato natural dos primitivos e a sua presciência (pré-ciência). Aqueles homens diferentes, de pele escura, pareciam saber e entender as totalidades de seus mundos estranhos, tanto os seus fenômenos quanto o sobrenatural, por meios que

os brancos não conseguiam deixar de admirar, ainda que relutantemente. De fato, o conhecimento harmonioso e exato que os primitivos tinham sobre os seus habitats veio a ser, dentro do processo de ‘europeização’ do planeta, a própria marca registrada do que era ser primitivo: sentimentos e expressões de parentesco com os animais e até com árvores, pedras e água. Animais totêmicos, árvores sagradas ou com rostos esculpidos, pedras sagradas – tudo isso virou o talismã do selvagem ou, na linguagem antropológica que se seguiu à conquista, a ‘prova da infância da raça humana’, Parecia especialmente óbvio para os europeus que assistiam as danças primitivas imitando os movimentos dos animais que esses povos não tinham alcançado uma percepção sequer rudimentar da superioridade humana sobre as formas subalternas de vida. No entanto, se a dança é a linguagem secreta do corpo, como disse Marta Graham, no contexto dos mitos ela pode ser a linguagem da expressão da Vida; as danças primitivas baseadas na observação do bisão, dos pássaros e da abelha não são prova de uma visão inevitavelmente fantástica da realidade, mas uma linda forma de manter com ela um vínculo filial”.(p12)

A pesquisa apresenta uma longa e densa narrativa das sucessivas ondas de ocupação do território e suas malfazejas influências, que vêm desde tempos remotos, mas não imemoriais. A recordação das origens é sempre motivada pela dimensão psíquica que acompanha os “desenvolvimentos físicos”.

A substituição dos modos de produção é acompanhada por alterações nas manifestações da vida psíquica, sem que se queira aqui estabelecer nexos de determinações causais em um ou outro sentido. Assim:

“Cada ambiente estimula uma mitologia especial. As narrativas sagradas, os rituais e as personalidades dos deuses são construídos através da filtragem e da costura dos padrões atmosféricos locais, do tamanho do céu e do que vem dele, da forma das nuvens, dos contornos das paisagens e de suas cores predominantes, da flora e da fauna, dos ritmos naturais dos movimentos, do acasalamento, das mudanças de aparência, e talvez, acima de tudo, das reações adaptativas dos humanos a todos esses elementos, conforme elas se foram cristalizando... Enquanto as mitologias dos povos antigos parecem ter se baseado ao menos em parte na terra, o desenvolvimento das cidades

transformou o ‘locus’ da divindade para o céu e para os deuses irracionais e violentos que o habitavam.

...parece que o caráter mitológico e cultural das primeiras vilas de agricultores era orientado para o feminino. Isso ocorre com a maioria dos povos agrícolas por causa do mistério da semente solitária e inerte depositada na escuridão da terra provedora e que reaparece magicamente em forma de uma nova vida; isso naturalmente sugere o poder enorme e singular do princípio feminino....

Em contraste, a mitologia e o caráter cultural dos povos pastoris são, em geral, agressivamente masculinos, pois os pastores são essencialmente caçadores domesticados...”(p.24)

O capítulo sobre os “Povos do Livro” acompanha a violenta redução da vida espiritual introduzida pelo monoteísmo e apresenta o corte talvez mais profundo da cultura. Entre muitas análises, algumas são expressivas do objeto central da investigação – o afastamento do “selvagem” implicando na visão imperialista que o “homem” assumiu frente às “coisas”:

“Essa religião, portanto, desde o início anuncia formalmente sua orientação histórica, em oposição à mitologia. Ela descreve o destino humano como uma marcha implacável para a frente na busca de um destino especial. As súplicas da renovação, a alma do mito arcaico, não são mais necessárias.

... Nesse aspecto fundamental essa religião necessariamente contrasta e antagoniza com todas as religiões naturais que, na medida em que são autenticamente vinculadas à ordem natural e ao ritmo das coisas, têm que ser repetitivas e a-históricas.

...Aqui se sente novamente a influência do ambiente e da atividade econômica na formação dessa predisposição contra a natureza e a favor da história, pois para os israelitas a natureza não era um poder com o qual pudessem estabelecer um relacionamento de celebração, de reverência. Era certamente um poder, mas um poder do qual esse povo procurava se libertar e ao qual não queria se render. A natureza talvez não fosse exatamente má, mas ela exercia um poder cruel sobre esses pastores itinerantes, que por isso queriam se emancipar dela...”(p.44)

A transferência do poder divino é assinalada na seguinte passagem:

“ Os italianos, nos tempos antigos, tinham vivido num mundo sobrenatural onde florestas, montanhas, pedras e águas tinham vida e eram consideradas sagradas. Eles então prestavam atenção ao canto das aves, observavam sua quantidade e sua localização, realizavam cerimônias de expiação antes de cortar os bosques ou de delimitar campos de cultivo. Embora essas práticas e as emoções correlatas sobrevivessem nas áreas rurais, o ‘locus’ das atividades e dos conceitos religiosos gradualmente se transferiu para as cidades, que construíram templos dedicados aos guardiães antropomórficos das comunidades urbanas.

... do mágico para o antropomórfico e daí para a decadência...”(p.53)

Quando o Ocidente civilizado desembarcou no Novo Mundo trazia já uma teologia do medo e da morte que formou uma nova cartografia psíquica do planeta alterando a dimensão espaço/tempo da experiência, eliminando a vivência que aqui encontrou, impondo sua “insensibilidade” a formas de “sensibilidade” que lhe são estranhas:

“Psicólogos e antropólogos vêm há algum tempo usando o mapa como um conceito que sugere as formas pelas quais uma cultura fornece orientação psíquica para os seus integrantes. Assim, o mapa fabricado pelo Ocidente nos revela uma geografia psico/espiritual cujas coordenadas se projetam sobre espaços sem vida e sem essência, a não ser pelo espírito demoníaco que talvez se ocultasse por ali, tal como os israelitas tinham descoberto há muito tempo no Monte Sinai. Num caso ou noutro, quer as terras fossem mortas ou demoníacas, o viajante cristão só conseguia cruzá-las como um navegante estranho: todas as terras lhe eram estranhas e ele era desconhecido de todas as terras.”(p.90)

A interpretação das culturas encontradas pelos descobridores e seu mais absoluto desprezo pelas manifestações da vida espiritual tornam-se evidentes:

“Se as portas da percepção chegaram a estar abertas em algum momento, agora estavam irremediavelmente cerradas. A exploração se revelava cruamente: os

brancos passeavam pelos territórios e pelas aldeias dos nativos como se ninguém morasse ali. Quando notavam a presença dos nativos, o sentimento predominante era nojo.

... Como se fossem cegos, o Portador de Cristo e os seus comandados não conseguiam enxergar esses ‘cemies’ e os xamãs que se escondiam atrás deles interpretando as suas mensagens como respostas adaptativas vitais às realidades do cosmo dessas ilhas. Essas respostas propiciaram aos nativos cerca de mil anos de vida simples e feliz, perturbada apenas pelos ataques dos ferozes Carib. Os europeus eram igualmente incapazes de perceber que a mentalidade mitológica é integralmente capaz de combinar o humano atrás da máscara com a presença da divindade.”(p.131)

A cada momento, com base em novos dados e documentos, o tema da separação entre um “mundo objetivo” e uma “realidade subjetiva” vai ganhando realce, até que se afirma com Lewis Mumford:

“...o estoque de conhecimento científico ampliou-se enormemente, mas [...] isso foi acompanhado da ‘deformação da experiência como um todo’... ‘os instrumentos da ciência se mostraram inúteis no reino das qualidades. O qualitativo foi reduzido ao subjetivo; o subjetivo foi abandonado como irreal; o invisível e o imensurável foi descartado como inexistente.”(p.168)

As maiores vítimas deste pensamento instrumental têm sido os “povos da floresta”. Sua intensa vida mítica, sua ligação com o “sagrado”, são traduzidos num eixo sempre negativo. Malgrado as enfáticas críticas que a antropologia tem feito sistematicamente ao etnocentrismo pelo qual temos sido responsáveis, a passagem de Turner continua eloqüente:

“O Homem Selvagem, tal como é e preferiria continuar a ser, é uma ameaça grande demais para todos nós. Como Hayden White destacou, o Homem Selvagem não vive apenas nos longínquos rincões selvagens. É também o animal dominado que vive na selva de cada corpo individual. Como o caos, ele sempre se esgueira e procura a liberdade.”(p.193)

O Espírito Ocidental contra a Natureza – Mito, História e as Terras Selvagens - é uma obra inteiramente realizada na interseção disciplinar entre a história e a psicologia e o contato com ela é profundamente esclarecedor. Seu destino, no entanto, parece ser bem semelhante ao dos mitos e ritos que pretende recuperar. Muitos vêem aí uma metafísica insuportável e uma especulação desenfreada (mesmas críticas feitas ao próprio Jung). A referência ao “sagrado” costuma levantar resistências tão violentas quanto foram as dos próprios colonizadores. Querer admitir que há lugares nos quais não deveríamos penetrar apenas porque ali há outros seres cujo habitat poderia sofrer perturbações violentas é um argumento deslocado com ênfase pela antipática acusação de “romantismo nostálgico”. Mesmo entre grupos que se supõem portadores de algum nível de consciência ecológica, a referência à integração corpo-mente parece ser alcançável somente numa visão instrumental.

Mas, se nos tornarmos capazes de reconhecer outras formas de relações entre os seres, não necessariamente cairemos no recuo improdutivo. Ouçamos um relato de experiência recentemente vivida por ninguém menos que Egberto Gismonti (Fregtman, 1989), uma testemunha que parece situar-se aquém e além de qualquer acusação de reacionarismo:

“Eu esperava. Os dias iam passando.

Tinham me aconselhado a não entrar diretamente na aldeia, pois para a cultura Xingu, **ninguém tem o direito de entrar na casa de outrem sem ser chamado**⁵. Embora não existissem portas, paredes ou grades para a delimitação do espaço dos índios, uma das primeiras coisas que eu tinha de aprender era exercitar minha percepção para intuir onde terminava o espaço permitido e começava essa outra zona – relativa aos costumes, à terra, às crenças e aos modos de ser dos indígenas Ywalapití.

O primeiro passo era começar a **ver** o limite. Um limite não manifesto, mas perfeitamente claro. **Uma fronteira entre duas realidades.**

...Existe outro modo de ‘conhecer’ a realidade, que podemos denominar vivência **íntima**. Sujeito e objeto

⁵ Grifo nosso.

estão inextricável e intimamente unidos, sem dualismos ... O observador (o ouvinte) deixa de sê-lo, para passar a ser **participante ativo de um universo que o contém holisticamente.**

... Depois de uma semana de permanência, decidi voltar ao Rio de Janeiro. Sem que houvéssemos falado, Sapaín já **sabia** tudo o que eu tinha para lhe contar. Um tocador de Jacuí transcende as palavras. **Um homem de conhecimento vê.** Por outro lado, sua resposta estava dada...

Sapaín sabia que os nossos caminhos se cruzavam, mas que não eram os mesmos. Eu deveria ser um ‘cantador do espírito’ com os meus próprios instrumentos, com o piano, os violões, as flautas, o sitar ou os computadores: meu estúdio de trabalho, uma **Oca sagrada.**”(p.44)

Modos de Pensar e Ver

As pessoas feitas de milho, fazem o milho. As pessoas, criadas da carne e das cores do milho, cavam um berço para o milho e o cobrem de boa terra e o limpam das ervas daninhas e o regam e dizem a ele palavras de amor. E quando o milho está crescido, as pessoas do milho moem sobre a pedra e o erguem e o aplaudem e o embalam no amor do fogo e o comem, para que nas pessoas do milho o milho continue caminhando sobre a Terra, sem morrer.

Eduardo Galeano

As Palavras Andantes

Saindo totalmente do circuito da metafísica, sem recurso a qualquer outro plano de entendimento que não aqueles reconhecidos pela epistemologia científica, o pensamento e a percepção têm sido objeto de estudo em várias perspectivas da psicologia, sobretudo da psicologia experimental. Uma extensa tradição constitui o campo das chamadas

psicologias cognitivas⁶; um tema especialmente importante neste domínio é o da variação das funções intelectuais humanas frente à diversidade cultural. A polémica, em sua origem, polarizava-se entre duas posições: uma que considerava que existem categorias intrínsecas da mente (psicologia idealista clássica) e outra que admitia que todo pensamento resulta da condição histórica concreta da sociedade. Mesmo tendo sido a primeira proposição ultrapassada, novos debates se organizaram no sentido de discutir se a variação cultural implica em diferenças de “conteúdo” ou diferenças na “forma” mesmo de operar com a realidade. Neste caso podemos dizer que a primeira hipótese tornou-se hegemônica na pesquisa psicológica ocidental, havendo poucos dados relativos à verificação da hipótese segundo a qual a variação dos modos de produção implicaria em diversidade das funções cognitivas⁷.

Os clássicos estudos do psicólogo russo Alexander Romanovich Luria (1992) constituem uma exceção. Sua obra, um tratado de Psicologia Geral, é um remetimento seguro nas questões relacionadas à linguagem e ao pensamento. Responsável por grandes projetos de investigação, o autor situa-se no foco da discussão a respeito dos determinantes culturais e suas pesquisas esclarecem bastante sobre este grande processo de transformação da relação homem-natureza. O autor coletou dados empíricos que permitem ultrapassar o nível especulativo em que a questão das diferenças culturais de pensamento costuma ser abordada e colocou-se como problema *“conhecer as mudanças no processo de pensamento provocadas por transformações revolucionárias no meio ambiente”*. A pesquisa que nos interessa focalizar foi realizada no momento em que as vilas remotas da Ásia vinham passando por rápidas mudanças devido à

⁶ Seguindo a tendência de realinhamento dos diversos campos disciplinares em função das novas disposições dos objetos, boa parte destas pesquisas migraram para as “ciências da cognição” ou “cognitivismos”. De qualquer maneira referimo-nos aqui a uma longa tradição de investigação que, em resposta aos áridos resultados da análise experimental do comportamento, pretendeu, a partir de Tolman, abordar de modo experimental, preciso e rigoroso, os processos que fazem a mediação entre o estímulo e a resposta do organismo frente ao meio.

⁷ Em antropologia, ao contrário, muito cedo admitiu-se uma forma diferenciada culturalmente. O tratamento da “diferença”, no entanto, não passou das dicotomias, admitindo-se, no máximo, a particularidade do “mito” frente ao “logos”; ao abordar alguns estudos antropológicos que anunciam o tratamento dos aspectos cognitivos dos diversos grupos humanos constatamos que a diferença indicada é geralmente quanto ao “conteúdo”.

introdução da coletivização e da mecanização da agricultura. Este era também um momento de grandes transformações na condição das mulheres na sociedade.

As aldeias e os assentamentos nômades do Uzbequistão e de Khirgizia constituíam uma grande massa de camponeses iletrados e isolados da alta cultura local que, por outro lado, era formada por nomes importantes ligados a extraordinárias realizações científicas e poéticas, com destaque na matemática, na astronomia e na física. A economia camponesa era baseada no plantio de algodão e nas montanhas prevalecia a criação de gado. A população era fortemente influenciada pela religião islâmica. No início da década de 30, período em que os pesquisadores foram a campo, estas aldeias e assentamentos passavam por profundas mudanças sócio-econômicas e culturais e o contexto favoreceu a formação de grupos de alto contraste, envolvendo tanto sujeitos que permaneciam isolados e iletrados, mantendo as tradições, quanto grupos já envolvidos com a vida moderna, em contato com a cultura tecnológica, a escrita e outras formas de conhecimento, experimentando os efeitos dos realinhamentos sociais, inclusive a emancipação das mulheres.

A rigor, os pesquisadores formaram cinco grupos:

“1. Mulheres habitantes de aldeias remotas, que eram iletradas e não se envolviam com qualquer atividade social moderna. Na época em que [...] o estudo foi feito, ainda havia um número considerável destas mulheres. As entrevistas foram conduzidas por outras mulheres, já que só elas tinham o direito de penetrar no alojamento feminino.

2. Camponeses, habitantes de aldeias remotas, de nenhuma maneira envolvidos com trabalho socializado e que ainda mantinham uma economia individualista. Esses camponeses não eram alfabetizados.

3. Mulheres, freqüentadoras dos minicursos de educação infantil. Via de regra não tinham educação formal ou qualquer prática escrita.

4. Trabalhadores, ativos nos *kolhoz* (fazendas coletivas), e jovens que haviam freqüentado cursos de curta duração. Estes eram diretores de fazendas coletivas, chefes de outros departamentos em alguma fazenda coletiva, ou líderes de brigada. Tinham considerável experiência no planejamento da produção,

na distribuição de trabalho e na administração de estoques. No trato com os outros membros das fazendas coletivas, haviam adquirido uma visão de mundo muito mais ampla do que a do camponês isolado. Por outro lado, haviam freqüentado muito pouco a escola, e muitos ainda eram semiletrados.

5. Mulheres, admitidas na escola de professores, depois de dois ou três anos de estudo. Suas qualificações educacionais, no entanto, ainda eram razoavelmente baixas.” (p.68)

Os procedimentos experimentais foram conduzidos com todo rigor, a fim de verificar como as pessoas refletem cognitivamente sua experiência em diversos níveis de análise.

A primeira série de instrumentos aplicados visava estudar a codificação linguística de categorias básicas da experiência visual, como a cor e a forma; os resultados indicaram que a classificação segundo os princípios das formas geométricas abstratas estava absolutamente ausente nos grupos iletrados que viviam em maior isolamento, acontecendo nestes casos uma designação referente a um possível objeto de uso; estes grupos se recusaram a indicar semelhanças mesmo quando as formas apresentadas eram absolutamente regulares. Recusavam-se, por exemplo, a agrupar dois círculos, afirmando que “a primeira é uma moeda, a segunda é uma lua”. Em alguns casos a tarefa de classificação envolveu objetos de uso, como fios de lã num grupo de tecelãs; mesmo assim as pessoas usaram poucas categorias de “cores” e preferiram manter a separação, identificando as peças com elementos do ambiente; por exemplo, os tons de verde foram identificados como “a cor da grama na primavera”, “a cor das amoreiras no verão”, “a cor das ervilhas novas”.

O segundo conjunto de resultados refere-se ainda a capacidade de realizar tarefas de classificação, conduzindo a um pensamento abstrato; de novo os resultados obtidos confirmaram a conclusão anterior de que os grupos iletrados e isolados preferiam os objetos que se “adequassem a um propósito em especial”, tornando a tarefa teórica em tarefa prática. Neste segundo caso, os pesquisadores desenvolviam uma conversação onde vários objetos eram comentados e sugeriam critérios lógicos de identificação e separação. Os sujeitos mais diretamente ligados às atividades “rudes e primitivas” não concordavam

com estas aproximações e separações, enquanto os outros, mais em contato com as formas de vida “modernas”, mesmo que de início não fizessem uma classificação lógica, concordavam com ela após algum tempo. São tão envolventes alguns dos relatos desta fase da pesquisa que optamos por transcrever uma passagem:

“O exemplo seguinte ilustra o tipo de raciocínio que encontramos. Mostraram-se a Rakmat, um camponês iletrado de 31 anos, morador de um distrito distante, desenhos de um martelo, um serrote, uma tora de madeira e um machado. “São todos semelhantes”, ele disse. “Penso que todos têm de estar aqui. Veja, se você vai serrar, você precisa de um serrote, e se tem que rachar algo, precisa de machado. Então são todos necessários aqui”.

Tentamos explicar a tarefa dizendo: “Veja, você tem aqui três adultos e uma criança. É claro que a criança não pertence a esse grupo”.

Rakmat replicou: ‘Oh, mas o menino precisa ficar com os outros! Os três estão trabalhando você vê, e se eles tiverem que ficar correndo para buscar as coisas, nunca terminam o serviço, mas o menino pode buscá-las para eles... O menino aprenderá, isso será melhor, e eles todos trabalharão bem juntos”.

“Veja”, dissemos, “você tem aqui três rodas e um par de alicates. Sem dúvida, as rodas e os alicates não têm nada em comum, não é mesmo?”

“Não, todos eles se encaixam. Eu sei que o alicate não se parece com as rodas, mas você vai precisar dele se tiver que apertar alguma coisa nas rodas”.

“Mas você pode usar uma palavra para as rodas que você não pode usar para o alicate – não é verdade?”

“Sim, eu sei disso, mas você precisa do alicate. Você pode levantar ferro com ele, e é bem pesado, como você sabe...”

“Mesmo assim, não é verdade que você não pode usar a mesma palavra para as rodas e o alicate?”

“É claro que não pode”.

Voltamos ao grupo original, que incluía martelo, serrote, tora e machado. “Quais destes você poderia chamar por uma palavra?”.

“Como assim? Se você chamar os três de ‘martelo’ isto também não estará certo”.

“Mas um camarada pegou três coisas – o machado, o serrote e o martelo – e disse que elas eram semelhantes”.

“Um serrote, um martelo e um machado têm que trabalhar juntos. Mas a tora tem que estar aqui também!”

“Porque você acha que ele pegou essas três coisas e não pegou a tora?”

“Provavelmente ele já tenha bastante lenha, mas se nós ficarmos sem lenha, não conseguiremos fazer nada”.

“Sim, mas um martelo, um serrote e um machado são todos ferramentas?”

“Sim, mas mesmo se tivermos ferramentas, ainda precisaremos de madeira. Senão não poderemos construir nada”.

Mostraram-se então ao sujeito desenhos de um passarinho, de um rifle, de uma adaga e de uma bala. Ele retrucou: “A andorinha não cabe aqui... Não, este é um rifle. Está carregado com bala e mata a andorinha. Então você tem que cortar o pássaro com a adaga, já que não há outro jeito de fazê-lo. O que eu havia dito a respeito da andorinha está errado! Todas estas coisas estão juntas!” .

“ Mas estes são armas. E a andorinha? “

“Não, não é uma arma”.

“Então quer dizer que estes três ficam juntos e a andorinha não?”.

“Não, o pássaro tem que estar aí também. Senão, não haverá nada em que se atirar”.

Mostraram-se então a ele os desenhos de um copo, de uma panela, um óculos e uma garrafa. Ele observou: “estes três estão juntos, mas porque você pôs os óculos aqui, eu não sei. Mas, de novo, eles também se encaixam. Se uma pessoa não enxerga muito bem, tem que usá-los para jantar”.

“Mas um camarada me falou que uma destas coisas não pertencia a este grupo”.

“Provavelmente este tipo de pensamento corre em suas veias. Mas eu digo que todos têm seu lugar aqui. Você

não pode cozinhar no copo, você tem que enchê-lo. Para cozinhar você precisa de uma panela, e para enxergar melhor, de um óculos. Precisamos destas quatro coisas, e é por isso que elas foram colocadas aqui” . (p.75)

A exposição segue ainda por algumas páginas, sempre apresentando o modo próprio destes de camponeses lidarem com as propostas de classificação.

Estes resultados têm sido lidos como reveladores da incapacidade destes grupos de alcançarem a abstração e a generalização próprias dos níveis mais elevados da atividade cognitiva humana. Além disso, em contraste com os resultados obtidos nos grupos letrados, os autores da pesquisa têm avaliado a importância da linguagem e da possibilidade de introduzir mudanças radicais de pensamento a partir de novos discursos. Até o momento em que estes pesquisadores trabalharam, não havia uma preocupação tão clara em determinar a variação dos esquemas lógicos frente aos diferentes estágios da história e do desenvolvimento social e afirmava-se uma “lei universal da cognição”.

Sempre perseguindo os mesmos objetivos, uma outra atividade foi introduzida, visando avaliar a capacidade dos grupos na solução de silogismos. Mais uma vez, nos grupos iletrados, ligados às atividades agrícolas tradicionais, não se manifestou a presença de um sistema lógico unificado, que permitisse relacionar as premissas entre si e realizar uma dedução conclusiva. As atividades práticas predominaram sempre sobre o processo de raciocínio, demonstrando, num sentido anticartesiano, o aspecto sócio-histórico da consciência crítica tal como nós a reconhecemos no “ocidente civilizado”. Vejamos:

“Tais sujeitos [iletrados] se negaram quase completamente a tirar inferências do segundo tipo de silogismo... Frequentemente ignoraram as premissas que havíamos fornecido e as substituíram por seu próprio conhecimento...

Estas reações foram demonstradas em nossa discussão com um aldeão de 37 anos. Propusemos o silogismo: “O algodão só cresce onde é quente e seco. A Inglaterra é úmida e fria. O algodão pode crescer lá?”

“Não sei”.

“Pense sobre isso”.

“Só fui a terra de Kashgar. Não conheço nada além disso”.

“Mas, com base no que lhe falei, o algodão pode crescer lá? “

“Se a terra é boa, o algodão crescerá lá, mas se for úmida e pobre, não crescerá. Se for como a terra de Kashgar, também crescerá. Se a terra for solta, crescerá também, é claro”.

O silogismo foi então repetido. “O que você pode concluir de minhas palavras?”

“Se lá é frio, não crescerá. Se o solo for solto e bom crescerá”.

“Mas o que minhas palavras sugerem”.

“Bem, nós muçulmanos, nós de Kashgar, somos pessoas ignorantes; nunca fomos a lugar algum, então não sabemos se lá é frio ou quente”.

O pensamento manifestado é “infra-lógico” de veras, porém ele apresenta a peculiaridade de ser um pensamento altamente **inclusivo**; não existe uma recusa em apresentar “razões”, ou uma insuficiência que sugira alguma espécie de debilidade da mente; acontece que a realidade é vivenciada também no pensamento: não se admite a possibilidade de realizar num plano (abstrato, para nós, superior) operações que carecem de **sentido**; é notável como este modo de pensar não é completamente estranho às reivindicações do chamado “paradigma holístico” quando justamente denuncia o caráter **excludente** da razão instrumental ocidental, que separou o que não deveria ser separado, que abstraiu o que deveria ter se mantido enraizado. Não estamos afirmando uma identidade entre o pensamento dos camponeses russos pré-revolucionários e os pensadores holistas. Não é disso que se trata. Trata-se de ouvir sem preconceito uma formulação tão poderosa quanto esta: *provavelmente este tipo de pensamento corre em suas veias!!!*

Sabemos o quanto os trabalhos realizados na então União Soviética custaram a se tornar acessíveis para nós, e assim aconteceu que estes dados rigorosamente obtidos e comentados, de pesquisas realizadas em contextos sociais tão significativos, só muito recentemente foram absorvidos por nossas escolas psicológicas. Agora, já temos a oportunidade de discutir a relatividade do pensamento lógico formal, e temos mesmo um apoio substantivo para colocar em xeque a hegemonia deste pensamento. Entre os cognitivistas atuais, Howard Gardner é um dos autores que mais cuidadosamente

desenvolveu um estudo da inteligência com base nas diferenças culturais. Seu livro sobre as inteligências múltiplas é indispensável.

A inteligência é definida pelo autor como “*a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que sejam valorizados dentro de um ou mais cenários culturais*”(p.x). A partir desta definição o autor isola sete tipos diferentes de inteligência, visando encontrar a estrutura da cognição humana. Cada tipo de inteligência é considerado uma “janela da cognição”, determinada tanto biológica quanto sócio-culturalmente. A separação dos tipos de inteligência não se faz de modo arbitrário e para que uma habilidade particular possa ser considerada como um tipo de inteligência é preciso que obedeça a oito critérios de alcance teórico e prático rigorosamente definidos pelo autor: isolamento potencial por dano cerebral; a existência de *idiot savant*, prodígios e outros indivíduos excepcionais; uma operação central ou conjunto de operações identificáveis; uma história desenvolvimental distintiva, aliada a um conjunto definível de desempenhos proficientes de experts; uma história evolutiva e plausibilidade evolutiva; apoio de tarefas psicológicas experimentais; apoio de achados psicométricos e **suscetibilidade à codificação em um sistema simbólico**. A pesquisa é extensa, mas da perspectiva que nos interessa abordá-la é importante frisar que na estrutura mental definida por Howard Gardner “*razão, inteligência, lógica e conhecimento não são sinônimos*” (p.5) . Além de buscar alargar os horizontes da psicologia do pensamento e do desenvolvimento, o autor mantém uma atenção especial nas variações culturais em competência cognitiva, e relacionando-se a objetivos educacionais, destaca a importância de buscar-se modelos de “*como competências intelectuais podem ser fomentadas em diversos cenários culturais*”(p.8). A apresentação dos sete tipos de inteligência: lingüística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal cinestésica, intrapessoal e interpessoal, é sempre acompanhada de uma longa e bem fundamentada exposição sobre os contextos culturais onde elas se desenvolvem mais e menos. É estimulante pensar a introdução deste referencial teórico recentemente desenvolvido nos estudos da história ambiental. Tão marcados que somos pelas inteligências línguística e lógico-formal nem sempre somos capazes de reconhecer as exaltadas manifestações da inteligência musical em certas culturas africanas, por exemplo, em que as crianças, ao atingirem a idade de dois anos já estão em plena aprendizagem de cantar, dançar e tocar instrumentos. Que dizer da nossa incapacidade para reconhecer o

avanço e o refinamento da inteligência espacial em outras culturas? Na teoria das inteligências múltiplas são trazidos à luz alguns casos referentes à capacidade excepcional dos bosquímanos do Kalahari para:

“...deduzir, a partir dos rastros de um antílope, seu tamanho, sexo, compleição e humor. Na área de várias milhas quadradas por onde viajam, eles conhecem ‘cada arbusto e pedra, cada sinuosidade do terreno e em geral nomearam cada local no qual um determinado tipo de alimento pode crescer, mesmo que o lugar tenha apenas algumas jardas de diâmetro ou onde haja apenas um pequeno pedaço de terra com grama alta ou uma árvore com uma colméia” (p.155) ;

É notável a ênfase neste tipo de inteligência na educação das crianças da Tanzânia; a especial habilidade de homens e mulheres esquimós para orientarem-se no espaço, podendo *“ler tão bem de cabeça para baixo quanto de cabeça para cima e podem esculpir figuras de molde complexo sem ter que orientá-las corretamente...”*; de grande força na compreensão das diferenças culturais de pensamento é o exemplo fornecido pelo povo puluwat das Ilhas Canárias nos Mares do Sul:

“A habilidade altamente desenvolvida é a da navegação, uma habilidade encontrada numa minoria de indivíduos que têm permissão para dirigir canoas. Dentro desta bem treinada população ocorre um florescimento de habilidades que encheu de espanto navegadores treinados no ocidente. A chave para a navegação puluwat pode ser encontrada na organização das estrelas no céu.”(p.157)

Ainda na relação dos tipos de inteligência aos quais somos estranhos, e que costumamos a realizar como capacidade altamente desenvolvida está a inteligência corporal-cinestésica: em algumas culturas espera-se que todos os indivíduos sejam capazes de *“dançar bem, de entalhar e tecer.”* Ou, como na Nova Guiné:

“Aos cinco ou seis anos de idade , a criança será capaz de equilibrar-se impelir a canoa com precisão com uma

vara; remar suficientemente bem para enfrentar um vento de intensidade média; dirigir a canoa com precisão sob uma casa sem esmagar a forquilha; desenredar a canoa de um grande grupo de canoas misturadas num espaço pequeno; e mergulhar a canoa balançando a proa e a popa alternadamente. O entendimento também inclui nadar, mergulhar, avançar sob a água e saber como tirar água do nariz e da garganta...”(p.182)

Quanta abertura pode significar, por exemplo, meditar sobre a **sutura da pangéia** levando em consideração habilidades muito estranhas a nós !?

Sempre que tentamos transvalorar as referências de nossa própria cultura precavemo-nos da leitura que atribui às nossas posições alguma espécie de “recuo cultural”, com a negação de nossas *tão altas inteligências*. Sempre está a nos espreitar o riso malicioso que supõe e sugere nossa própria incapacidade de alcançar as alturas do mais refinado pensamento ocidental, e daí a ênfase em habilidades outras . Neste caso, e visando especialmente a precipitação da crítica, queremos dar passagem a uma importante alteridade no campo da cognição que advém de protagonistas absolutamente centrais em nossa própria cultura, e que em seu modo de pensar oferecem tanta diferença e perplexidade quanto os *outros* que anteriormente mencionávamos: aqui passamos a reproduzir uma passagem do fecundo diálogo “supra-lógico” entre Krishnamurti, o místico e David Bohm, o físico, na obra *A Eliminação do Tempo Psicológico* (1995).

K... estamos dizendo que o tempo é um fator que formou o conteúdo. Ele o constrói, e também pensa a respeito dele. Todo esse fardo é o resultado do tempo. A visão intuitiva de todo esse movimento, que não é “minha” visão intuitiva, provoca transformações no cérebro, pois ela não está ligada ao tempo.

DB: Você está dizendo que esse conteúdo psicológico é uma certa estrutura, que existe fisicamente no cérebro? E que, para esse conteúdo psicológico existir, o cérebro formou durante muitos anos, muitas ligações entre as células, que constituem esse conteúdo?

K: Exatamente.

DB: E há então um lampejo de visão intuitiva, que percebe tudo isso e que não é necessário. Conseqüentemente, tudo isso começa a se dissipar, e quando se dissipou, não há mais conteúdo. Depois, qualquer coisa que o cérebro faça será algo diferente.

K: Vamos um pouco mais adiante. Haverá então um vazio total.

DB: Bem, vazio do conteúdo. Mas quando você diz vazio total, quer dizer vazio de todo esse conteúdo interior?

K: Exatamente. E esse vazio possui uma tremenda energia. Ele é energia.

DB: Poderíamos dizer então que o cérebro, com todas essas ligações entrelaçadas, prendeu grande quantidade de energia?

K: Sim.

DB: Você diria que ela é uma energia tão física quanto qualquer outro tipo?

K: Naturalmente. Agora podemos entrar em maiores detalhes, mas esse princípio, a raiz da coisa, é uma idéia ou um fato? Ouço tudo isso fisicamente com o ouvido, mas posso torná-lo uma idéia. Se eu escuto isso, não apenas com o ouvido, mas em meu ser, na minha própria estrutura, o que acontece então? Se esse tipo de audição não ocorrer, tudo isso se torna apenas uma idéia, e eu sigo girando pelo resto da minha vida brincando com idéias.

Se houvesse um cientista aqui, especialista em **biofeedback** ou outro tipo de estudo do cérebro, será que ele aceitaria tudo isso? Ele ao menos escutaria?

DB: Alguns escutariam, mas evidentemente a maior parte não o faria.

K: Não. Mas como podemos atingir o cérebro humano?

DB: Tudo isso soaria bastante abstrato para a maior parte dos cientistas, entende? Eles diriam que talvez seja assim; que é uma bonita teoria, mas que não há qualquer prova que ela seja verdadeira.

K: Naturalmente. Eles diriam que ela não os instiga muito porque não percebem nenhuma prova.

DB: Diriam que se aparecer mais alguma evidência, eles voltarão mais tarde e ficarão muito interessados. Veja bem, você não pode fornecer qualquer prova, porque não importa o que esteja acontecendo, ninguém poderá vê-la com os próprios olhos.

K: Compreendo. Mas estou perguntando: o que faremos? O cérebro humano – não o “meu” cérebro ou o “seu”, mas o cérebro – evoluiu ao longo de um milhão de anos. Uma **aberração** psicológica poderá escapar disso, mas como se poderá fazer com que a mente humana em geral perceba tudo isso?

DB: Penso que temos de comunicar a necessidade, a inevitabilidade do que você está dizendo. Como quando uma pessoa vê uma coisa acontecendo diante de seus olhos e diz: “É assim”. Certo?

K: Mas isso requer que uma pessoa escute, que uma pessoa diga: “Quero captar isso, quero compreender isso”. Entende o que estou dizendo? Aparentemente é uma das coisas mais difíceis da vida.

DB: Bem, é a função desse cérebro ocupado- que está ocupado consigo mesmo e não escuta.

Modos de Ver e Sentir

Ele era um físico e um
Compositor-de-computador nas horas vagas.

Porque era tão estúpido? Por que era
De opinião que a única coisa
Que pode engajar o intelecto é a medição
Das relações entre as coisas?

Quando alertado para o fato de que sua mente podia mudar,

Sua resposta foi: “Como? Por que?” O conflito
Não estará entre pessoas e pessoas mas

Entre pessoas e coisas. **Neste conflito vamos tentar regular as coisas de forma que**

**O resultado, como em filosofia, nunca seja decisivo. Trate os pinheiros,
por exemplo, como entidades que têm ao menos uma chance de vencer. XVI -**

Ele vagueia pelos mercados como se eles fossem florestas e ele, um explorador

Botânico (não joga nada fora). Indo em

Diferentes direções

A gente consegue, em vez de separação, um sentido de
espaço.....

XXV. ELA DIZ QUE A VIDA É COMO UMA PAREDE BRANCA, IMPASSÍVEL.

Dedução Correta: ELA ESTÁ AMANDO.

John Cage

Abrimos esta seção exclusivamente para apresentar a perspectiva do urbanista Paul Virilio que, supomos, deve ter atingido aquilo que os mais exigentes epistemólogos esperam de um corpo de conhecimentos para considerá-lo “interdisciplinar”; seus estudos em “dromoscopia”, aqui abordados a partir do livro *Horizonte Negativo*, dedicam-se à descrição, análise e crítica dos vetores de aceleração que projetam os corpos em velocidades cada vez mais altas, provocando o desaparecimento dos espaços fixos que se transformam em puro movimento; dromoscópicos são estes engenhos que fazem ver os objetos inanimados como se eles estivessem animados de um violento movimento: janela do trem, parabrisa do automóvel, cabine do avião, cápsula do foguete...

Paul Virilio desenvolve uma preciosa avaliação das transformações pelas quais vem passando o habitat humano, focalizando uma *revolução dos transportes* que se prolonga numa *revolução da informação*. Ao dissertar sobre estas radicais mudanças no cenário da existência o autor aproxima conhecimento de diversas fontes e assim nos faz considerar como dado relevante, por exemplo, o modo como as “condições de conforto” dos aparelhos de projeção na velocidade foram se aperfeiçoando à medida em que estas mesmas velocidades iam alcançando escalas vertiginosas: um passageiro “enganado” por um imobilidade cada vez maior, à medida em que é projetado a velocidades cada vez mais brutais... É o estado “dromográfico” que substitui o estado democrático! As distâncias cognitivas do espaço tendem a tornar-se “lembranças” na instantaneidade dos deslocamentos.

A condição para movimentos cada vez mais ágeis é a desobstrução dos caminhos e assim, nas projeções mais arrojadas da tecnologia das altas velocidades, almeja-se a desertificação:

“L’horizon redevient idéal de conquête, le désert c’est le désir, le désir d’un corp de vitesse absolue.

Surface de performance, le vide n’est plus une absence, mais la présence d’un rite de passage à outrance, d’où la quête de sites insolites recélant des propriétés motrices inouïes: plateaux désertiques, lac salé, surface de glace,

plages interminables, **plaques sensibles pour l'enragement de vitesse record...** (p.193)

De muitos modos a leitura do Horizonte Negativo de Paul Virilio pode ser apropriada nos diversos campos disciplinares e cada passagem de seu texto é plena de descobertas. Fazendo a leitura dos dispositivos da visibilidade, o autor nos remete ao pensamento da guerra e a relação dos guerreiros com o ver-e-ser-visto: o guerreiro de antanho, que fazia de sua presença “vistosa” a honra e a glória dos homens sob seu comando, transforma-se nas guerras da primeira metade deste século em soldado “camuflado” e torna-se finalmente um dispositivo invisível da guerra nas estrelas...

A “cultura da desertificação” que emerge das acelerações crescentes, o “estado de urgência” que nos envolve, a cruel “guerra pura” tem suas origens remotas e é por aí que podemos mais uma vez vislumbrar o objeto de nossas reflexões: a dimensão psicológica da relação homem-natureza e sua transformação; uma questão de percepção e sentimento. Mais um dado na história ambiental.

A “mulher” aparece como primeiro veículo do homem:

“L’homme est le passager de la femme, non seulement lors de sa naissance, mais aussi dans leurs relations sexuelles, d’où le tabou de l’inceste comme cercle ou plutôt comme voyage vicieux. Paraphrasant Samuel Butler, on pourrait dire que la femelle est le moyen qu’a trouvé le mâle pour se reproduire c’est-à-dire pour **venir** au monde. En ce sens, la femme est le premier moyen de transport de l’espèce, son tout premier véhicule...”(p35).

Seu segundo veículo é a montaria:

“... le second serait la monture avec l’énigme de l’accouplement de corps dissemblables appareillés pour la migration, le voyage commun.” (p35)

Da mulher à montaria o homem liberta-se em movimento e redefine seus horizontes.

A história ambiental da América Latina oferece neste sentido capítulos tão interessantes quanto dolorosos:

“Prenons l'exemple maya: au Yucatan, les guerres qui précèdent l'arrivée de espagnols sont toujours de courte durée car sur ce continent les femmes sont encore les seuls vecteurs de transport... en revanche lors de la conquête par une cohorte dérisoire d'envahisseurs montés, on assistera à une débâcle sans précédent que les armes métalliques n'expliquent pas plus que l'état d'âme autochtones. C'est l'écart de temps et de vitesse des conquérants qui permettra l'extermination d'une civilisation par quelques dizaines de cavaliers. L'introduction du cheval sur le continent américain est la cause probable de l'extinction d'un peuple et d'une culture qui s'opposaient aux conquérants en un même lieu, mais dans une unité de temps différent, les Espagnols possédaient cette supériorité 'dromocratique' qui compense toujours l'infériorité démographique.” (p.39)

O que é realmente surpreendente na dromoscopia é o estudo da “metempsicose do vivente”. Raramente nos damos conta de que a cena no campo da percepção humana mudou drasticamente de caráter, não apenas porque se passou a ter acesso a espaços antes não frequentados, mas porque o aparato sensorial teve que se ajustar à apreensão de uma realidade que aparecia e desaparecia subitamente do campo vivencial – a experiência do *voyeur* começou a dar lugar à experiência do *voyeur-voyageur*. Os objetos permanentes foram se tornando presenças fugazes – o “outro” se diluindo, desaparecendo, reaparecendo, a intervalos cada vez menores, até tornar-se não mais que um traço:

“ Avec l'invention du véhicule dans l'animal, l'homme accède à l'une des toutes premières formes de relativité, son territoire ne sera plus jamais ce qu'il était, la célérité du coursier l'en détachera progressivement. Les lieux deviendront des points de départ et d'arrivée, des rives que l'on quitte ou que l'on aborde, la superficie ne sera plus que la lisière du cabotage équestre. En selle ou pied à terre, les cavaliers muteront le corps territorial en autant d'embarcadères et de débarcadères, seuils de 'rupture de charge' que la révolution du transport féminin avait déjà esquissés.

En permettant le franchissement en élévation de plus vastes étendues, le corps de l'animal devient un **corp-pont**, un pont mobile, là où celui de la femme n'était qu'un précaire **corps-passarelle...**” (p53)

O corpo-ponte da montaria solicita o porto, a ruptura da carga, e este passa a ser também o espaço do encontro, presença passageira do “outro”:

“Si hier, dans l’unité de voisinage, l’autre était à la fois connu et reconnu dans la répétition quotidienne des rencontres, avec la révolution du transport, ce voisin deviendra un ‘spectre’ que l’on ne reverra qu’accidentellement, l’étranger demeurera caché parmi nous...Le désenclavement ne favorisera pas seulement une meilleure communication des groupes, le perfectionnement de l’échange, il provoquera aussi cette **présence passagère** de l’autre: tel homme côtyé un instant disparaîtra à jamais, cette accoutumance cinétique à la disparition soudaine du congénère aura le caractère tragique d’un divorce social; la présence corporelle de l’autre semblable perdra de sa réalité, comme passant, comme passager, l’autre se verra identifié à son image cinématique des millénaires avant l’invention du cinéma...”(p. 58)

Os estudos da dromoscopia nos conduzem ainda a descobertas importantes no domínio das emoções, quando identificamos o sentimento que imprime as acelerações vertiginosas. É assim no Horizonte Negativo:

“Après avoir signifié la suppression des distances par la vitesse de la course, le déchaînement de l’au’ delà signale l’anéantissement du temp. La vitesse du coursier symbolise l’épouvante de la Fin mais il faut bien remarquer que la peur et la vitesse sont effectivement associées: dans le monde animal, la rapidité est le fruit de la terreur, la conséquence du danger. En fait, la réduction des distances par l’accélération du mouvement est l’effet de l’instinct de conservation. **La vitesse n’étant que la production de la peur**, c’est la fuite et non l’assaut qui provoque l’écart brutal, l’emballement.”(p.46)

A análise de Paul Virilio está plena de consequências ainda não exploradas. Sua obra é suficientemente complexa e nova para não ter consolidado ainda muitas das

experiências que sugere. É por isso que tentamos anunciá-la aqui com tanta fidelidade quanto possível, assinalando uma trajetória de pesquisa a ser futuramente empreendida. Parece fecundo e desafiador pensar as transformações ambientais pela introdução dos dispositivos dromoscópicos e verificar a emergência de novas sínteses e próteses subjetivo/corporais...

Natureza Naturada

São muitas as abordagens pelas quais podemos nos desfazer da pesada herança cartesiana que separa mente e corpo, imaginando-as como **duas substâncias** distintas e atribuindo à primeira total hegemonia sobre a segunda. Seja pela recuperação da ligação em algum plano espiritual, seja pelo reconhecimento de uma atividade mental que torna o pensamento imanente ao corpo, seja ainda pela leitura da vida mental através das lentes de contato do olhar, sempre é possível admitir **uma só substância**. Fazer uma história ambiental neste caso consiste também em detectar, como os autores apresentados o fazem, os **modos de ser** que integram homens e coisas e desintegram esta mesma relação. As linhas de pesquisa estão aqui apenas anunciadas, contudo pretendemos ter apresentado material suficiente para criar dissonâncias cognitivas e introduzir algumas problematizações. Fizemos um esforço no sentido de aproximar narrativas ecoando de tempos diversos e localizações imprecisas: nossa pretensão é que o trabalho tenha pulsação: algo de militante, talvez, no campo ambiental. De certo modo pretendemos também usar o espaço da escrita para dar continuidade a discussões que por várias razões e motivos foram interrompidas no curso de alguma conversação. Sem dúvida, as mais frequentes

interrupções acontecem quando nosso tom deixa transparecer alguma espécie de preferência pelo “interior”, o “rústico” e o “lento”. Daí provavelmente a escolha dos textos que fizemos. Apesar de se inscreverem em perspectivas teóricas desiguais, todos eles nos permitem apreender a “construção” dos corredores isotópicos que formam a nossa apreensão do mundo, favorecendo o movimento de descentralização, absolutamente necessário para o estabelecimento de algum outro tipo de contrato...

Referências Bibliográficas

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990. 98p.

CAGE, John. *De Segunda a Um Ano*. São Paulo: Hucitec, 1985. 169p.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athenas, 1990. 242p.

FREGTMAN, Carlos D. *Música Transpessoal – Uma Cartografia Holística da Arte, da Ciência e do Misticismo*. São Paulo: Cultrix, 1995. 228p.

FREITAS, Maria T.A. *Vigotsky & Bakhtin – Psicologia e Educação: Um Intertexto*. São Paulo: Ática, 1995. 168p.

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente - A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 340p.

GELL-MANN, Murray. *O Quark e o Jaguar – As Aventuras no Simples e no Complexo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 395p.

KRISHNAMURTI, J. e BOHN, D. *A Eliminação do Tempo Psicológico*. São Paulo: Cultrix, 1995. 311p.

LURIA, Alexander R. *A Construção da Mente*. São Paulo: Ícone, 1992. 234p.

SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1991. 142p.

STAHEL, A.W. Capitalismo e Entropia: os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis. In CAVALCANTI, C. (org) *Desenvolvimento e Natureza*. São Paulo: Cortez, 1995.

TURNER, Frederick. *O Espírito Ocidental Contra a Natureza – Mito, História e as Terras Selvagens*. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 309p.

VIRILIO, Paul. *L'Horizon Negatif – Essai de Dromoscopie*. Paris: Galilée, 1984.

WORSTER, D. et al. Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History. In *Journal of American History*. Vol. 70, March, 1990.